

ZARANKIN, A.; SENATORE, M.X. *Historias de un Pasado en Blanco: Arqueología Histórica Antártica*. Belo Horizonte: Argumentum, 2007. 189pp., ISBN 978-85-98885-69-8.

Lúcio Menezes Ferreira\*

### Colorindo o passado

Como recentemente argumentou Charles Orser (2008), a Arqueologia Histórica, nas últimas três décadas, ampliou-se vertiginosamente, multiplicando seus objetos de estudo, suas formas de constituí-los, tratá-los e pensá-los. Ainda segundo o autor, as pesquisas na América do Sul destacam-se nessa ebulição mundial da disciplina. Poder-se-ia dizer que o próprio artigo de Orser redundava da mesma efervescência. Pois apresenta um volume especial da *International Journal of Historical Archaeology* inteiramente dedicado a trabalhos em Arqueologia Histórica na Argentina. Um dos países que, ao lado do Brasil e Uruguai, sobressai-se na paisagem mundial da Arqueologia Histórica.

Para Orser, a relevância crescente da Arqueologia Histórica sul-americana deve-se a sua inserção numa área que ele mesmo, influente pesquisador e escritor, ajudou a definir: a Arqueologia do Mundo Moderno. O problema mais imediato que norteia esse campo é o entendimento das relações entre cultura material e as estruturas, funcionamento e mecanismos de expansão e reprodução das sociedades modernas e do capitalismo. À análise desse problema acresce a interrogação, se assim se pode simplificá-la, sobre temas centrais na reflexão teórica e metodológica da Arqueologia histórica: como a diversidade cultural, as ações sociais e processos de resistência de nativos, escravos e operários podem ser observados e interpretados no registro arqueológico?

A resposta a essas e outras questões implica não se acercar de um sítio arqueológico – e mesmo de uma coleção arqueológica arquivada num museu ou disposta na mesa de um laboratório – isoladamente. Trata-se de observá-lo em escala mundial e mapear as variadas genealogias, estruturas e dispositivos das sociedades modernas. Tal mapeamento não é, propriamente, uma cartografia ilustrada com a legenda da circulação global de mercadorias e do consumo de massa; mas a leitura da cultura material como mediadora e constituinte das ligações transnacionais e transcontinentais, das práticas cotidianas, das relações de poder, dos conflitos, diásporas e identidades culturais do mundo moderno. O que requer interpretações que transitem entre o global e o local. Um vai e vem constante entre escalas de análise para interpretar as articulações entre os contextos locais e os processos globais, considerando-se tanto os mecanismos de expansão das sociedades modernas e do capitalismo, quanto as especificidades culturais dos sítios e conjuntos de sítios trabalhados.

O livro *Historias de un Pasado en Blanco: Arqueología Histórica en Antártica*, de Andrés Zarankin e María Ximena Senatore, alinha-se, exatamente, nessa vertente da Arqueologia do Mundo Moderno. Sublinhe-se que esses jovens pesquisadores estão entre os que deram visibilidade mundial para a Arqueologia Histórica sul-americana. Ambos são bem conhecidos do público especializado. Desde meados dos anos 1990, publicam, em espanhol, português e inglês, uma obra que já se avoluma, inclusive com um livro que denota a adesão dos autores à Arqueologia do Mundo Moderno (Zarankin e Senatore 2002). Zarankin, portenho de nascimento, há mais de uma década convive com as universidades brasileiras. Realizou seu

(\*) Universidade Federal de Pelotas-UFPEL.

doutorado na UNICAMP e, desde 2006, é professor no Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG, onde obteve bolsa de produtividade em pesquisa (CNPq). Senatore, por seu turno, leciona na Universidade de Buenos Aires e na Universidade Nacional da Patagônia Austral; é, também, pesquisadora do Departamento de Pesquisas Pré-Históricas e Arqueológicas do Instituto Multidisciplinar de História e Ciências Humanas (IMHICIHU) do CONICET.

Os autores apresentam os resultados de campanhas arqueológicas realizadas num espaço pontual das Ilhas Shetland do Sul: a Península Byers da Ilha Livingston, situada a aproximadamente 120 km a Noroeste da Península Antártica. O projeto de pesquisa resulta de um protocolo de acordo entre os diretores do Instituto Antártico Argentino e do IMHICIHU. Perfizeram-se, até agora, cinco campanhas arqueológicas (1995/1996, 1996/1997, 1999/2000, 2000/2001, 2006/2007), sempre no período de verão da Antártica (entre dezembro e março). Não é a primeira vez que os autores apresentam os resultados da pesquisa (Cf., por ex: Zarankin e Senatore 2005, com literatura dos autores sobre o tema). Contudo, o livro, obviamente, permitiu-lhes escrever uma narrativa mais geral e circunstanciada sobre mais de uma década de pesquisas na Antártica.

Como bem estampa a metáfora do título do livro, Zarankin e Senatore escrevem nas páginas em branco da gelada paisagem austral da região. Ora, raramente se escreve em páginas totalmente brancas. O projeto de Zarankin e Senatore inscreve-se, com efeito, na História sumamente recente da exploração arqueológica da Antártica. O mundo material da Antártica é reconhecido como patrimônio cultural, baluarte de um passado digno de ser recordado. Os sítios históricos da região estão protegidos oficialmente (*Antarctic Conservation Act, 1978; Conservation Act of 1996 – List of Historic Sites and Monuments*). Esse reconhecimento liga-se aos primeiros trabalhos científicos na Antártica, iniciados na década de 1960. Tiveram caráter unicamente laudatório, sem objetivos especificamente arqueológicos, voltando-se para a conservação e restauração de vestígios

associados às grandes expedições de descoberta do século XIX. No início dos anos 1980, porém, geólogos ingleses da *British Antarctic Survey* registraram refúgios oitocentistas de caçadores de foca. A partir de 1983, o chileno Rúben Stehberg e sua equipe começaram a dedicar-se ao estudo desses acampamentos. O objetivo da pesquisa é evidenciar a participação de ameríndios nas empresas oitocentistas de caça às focas e lobos marinhos. Parte da hipótese de que os barcos foqueiros e baleeiros incluíam, como mão-de-obra, indígenas recrutados durante a passagem das embarcações pelo extremo sul do continente americano. Essa hipótese de investigação lastra-se em evidências materiais, como o crânio de uma mulher indígena achado na Antártica, no início dos anos 1980, pelo geólogo chileno Daniel Torres; e, ainda, em líticos e vidros com marcas de lascamento, encontrados em acampamentos das Ilhas Livingston e Desolación.

O projeto de Zarankin e Senatore esquadriña a expansão do sistema capitalista na Antártica. Investiga a atuação das empresas foqueiras que, entre o final do século XVIII e ao longo do século XIX, exploravam esporadicamente a Antártica, extraindo produtos de mamíferos marinhos e comercializando-os em diversos mercados do mundo, principalmente o chinês, através do porto de Cantão. Os autores partem da proposição, inicialmente lançada por Marx e, posteriormente, consubstanciada por diversos arqueólogos históricos e pelo filósofo Gilles Deleuze, de que o capitalismo requer, para reproduzir-se como sistema mundial, da aquisição e conquista contínuas de novos espaços. Necessita domesticar territórios, isto é, transformá-los em lugar, empregando, para esse fim, vários dispositivos simbólicos e materiais. Estribando-se em Michel de Certeau, Zarankin e Senatore enfatizam que essas operações de conquista do sistema mundial capitalista se dão como estratégias; como formas de ação geradas pelo poder para controlar lugares e grupos sociais.

Zarankin e Senatore, de outro lado, não se detêm apenas no nível das estratégias. Mas invocam também, ainda no universo conceitual de Michel de Certeau, o domínio das táticas.

Neste ponto é que o passado em branco vai se colorindo na narrativa dos autores; as páginas brancas da nevada paisagem da região se pintam com a descrição das práticas cotidianas – com as “histórias mínimas”, como dizem os autores – dos foqueiros, dos trabalhadores comuns. Se o sistema mundial capitalista impõe estratégias, as práticas cotidianas podem não só reproduzir relações sociais, mas responder-lhes com ações imprevisíveis. As táticas tornam-se, assim, o domínio da resistência aos códigos e dispositivos da sociedade moderna e do capitalismo. A premissa arqueológica, ativada pelos autores, é que, no processo de estruturação social, a cultura material cumpre papel ativo. Não reflete a sociedade, mas a constrói, controla e transforma, pois seus significados são usados pelos grupos sociais, seja para conservar a realidade, seja para transformá-la. Assim, para ouvir as vozes subalternas, os autores observam as contradições, e não apenas a consistência do poder. Afinal, como diria Ranajit Guha (1997), nenhuma dominação é completamente hegemônica, sobrepondo-se integralmente à vida dos subalternos.

Em mais de uma década de pesquisa, Zarankin e Senatore prospectaram e escavaram quase trinta abrigos foqueiros. Além de registrá-los, analisaram ocorrências tafonômicas e interpretaram a dispersão espacial dos abrigos. Ao fazê-lo, os autores definem, pelo menos, três objetivos correlatos: analisar as singularidades do registro arqueológico da região, afetado pelas condições climáticas extremas da Antártica; examinar as técnicas construtivas e formas de organização espacial interna e externa dos abrigos; rastrear a composição étnica e diversidade cultural dos foqueiros. É nesse último objetivo que repousa o ponto nodal do livro: a interpretação das práticas cotidianas e a procura pela diversidade cultural dos foqueiros levam os autores a questionar frontalmente as narrativas oficiais sobre a História da Antártica. Os autores argumentam que a História oficial da região congelou as vozes dos trabalhadores comuns, dos grupos foqueiros, degelando, em contrapartida, os discursos ufanos das expedições de descoberta. Daí o título do segundo capítulo do livro: “*vozes congeladas*”.

Como sabemos, as expedições de descoberta são atos de colonização científica e simbólica de territórios. Pensemos, por exemplo, nas expedições de David Livingstone em busca das nascentes do Nilo; ou, então – para mencionar um exemplo mais proximamente situado ao círculo de atuação dos barcos foqueiros na Antártica –, rememoremos a expedição do *Beagle*, famosa por abrigar Charles Darwin: um dos propósitos declarados da viagem era fincar, no solo das Ilhas Falkland (Malvinas, para os argentinos), a bandeira britânica. Zarankin e Senatore, problematizando as narrativas oficiais sobre as “grandes descobertas” da Antártica, dão vazão ao enunciado de Eric Wolf, parafraseando-o: se a Arqueologia pré-histórica pode contar as histórias dos povos sem escrita, a Arqueologia Histórica serve para narrar a vida dos grupos pouco representados, elididos ou silenciados nas sociedades letradas.

Os autores, por ora, não avançaram muito sobre a questão da diversidade cultural dos foqueiros. Contudo, já apresentaram, nesta etapa da pesquisa, conclusões sobre as táticas dos trabalhadores para desvencilharem-se e resistir às estratégias do sistema capitalista. Assim, os autores argumentam que os códigos do sistema capitalista – modulados pela disciplina (no sentido foucaultiano do termo), fixação de hierarquias, padronização e distribuição funcional dos espaços arquitetônicos de produção – simplesmente inexistem nas Ilhas Livingston. Os abrigos não evidenciam sinais de hierarquia ou desigualdade. Ao contrário. Seus objetos e disposição espacial demonstram a organização de uma vida comunitária e sem distinções sociais marcantes.

Os abrigos possuem formas variadas, com espaços uniformes e contíguos, sem subdivisões ou condicionamentos funcionais. O mesmo ocorre no tocante aos artefatos utilizados pelos foqueiros. São ausentes os que poderiam ser classificados como de uso individual. Registraram-se, contudo, restos de atividades associadas a práticas sociais compartilhadas: fichas para jogos, consumo de álcool e tabaco. Um recente estudo de Melisa Salerno (2006), que integra a equipe de Zarankin e Senatore, corrobora o argumento: a indumentária dos foqueiros, não obstante a diversidade estética que as caracteriza, reforça

uma identidade cultural comum, sem signos manifestos de desigualdades ou hierarquias. Os autores concluem que o sistema capitalista e as estratégias de poder das sociedades modernas nunca puderam assenhorear-se inteiramente da Antártica. A presença humana e a relativa continuidade da exploração da região só foram possíveis por meio de formas de interação social baseadas na reciprocidade e na vida comunitária.

De todo modo, o projeto de Zarankin e Senatore segue em curso. Esperemos, pois, por suas novas campanhas arqueológicas e publicações, para que tenhamos um quadro ainda mais colorido do passado na Antártica. Um quadro que nos mostre mais detalhadamente a diversidade cultural dos foqueiros e que aqueça, uma vez mais, as vozes congeladas da Antártica.

Pelotas, 12 de março de 2010.

### Referências bibliográficas

- GUHA, R.  
1997 *Dominance Without Hegemony: History and Power in Colonial India*. Cambridge: Harvard University Press.
- ORSER, C. JR.  
2008 Historical Archaeology as Modern-World Archaeology in Argentina. *International Journal of Historical Archaeology*, 12: 181-194.
- SALERMO, M.A.  
2006 *Arqueología de la Indumentaria: Prácticas e Identidad en los Confines del Mundo Moderno (Antártica, Siglo XIX)*. Buenos Aires: Del Tridente.
- ZARANKIN, A; SENATORE, M.X. (Orgs.)  
2002 *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: Cultura Material, Discursos e Práticas*. Buenos Aires: Ediciones del Tridente.
- 2005 Archaeology in Antarctica: Nineteenth-Century Capitalism Expansion Strategies. *International Journal of Historical Archaeology*, 9: 1, 43-56.

Recebido para publicação em 12 de abril de 2010.